COLETAS DE DEPOIS

Tamiris Vaz

Ouço um som, mas não vejo sua origem.
Tudo anda tão rápida e pareço estar sempre atrasada.

- Mãe, de que parte da Alemanha vieram nossos antepassados?
- Não vi, não sei.

- Pai, de onde sua avó foi pega no laço?
- Não vi, não sei.

Vidas em refúgio.



Refugiadas de onde?
Já não há origem, apenas percursos e vestígios
de existências que ninguém mais vê.

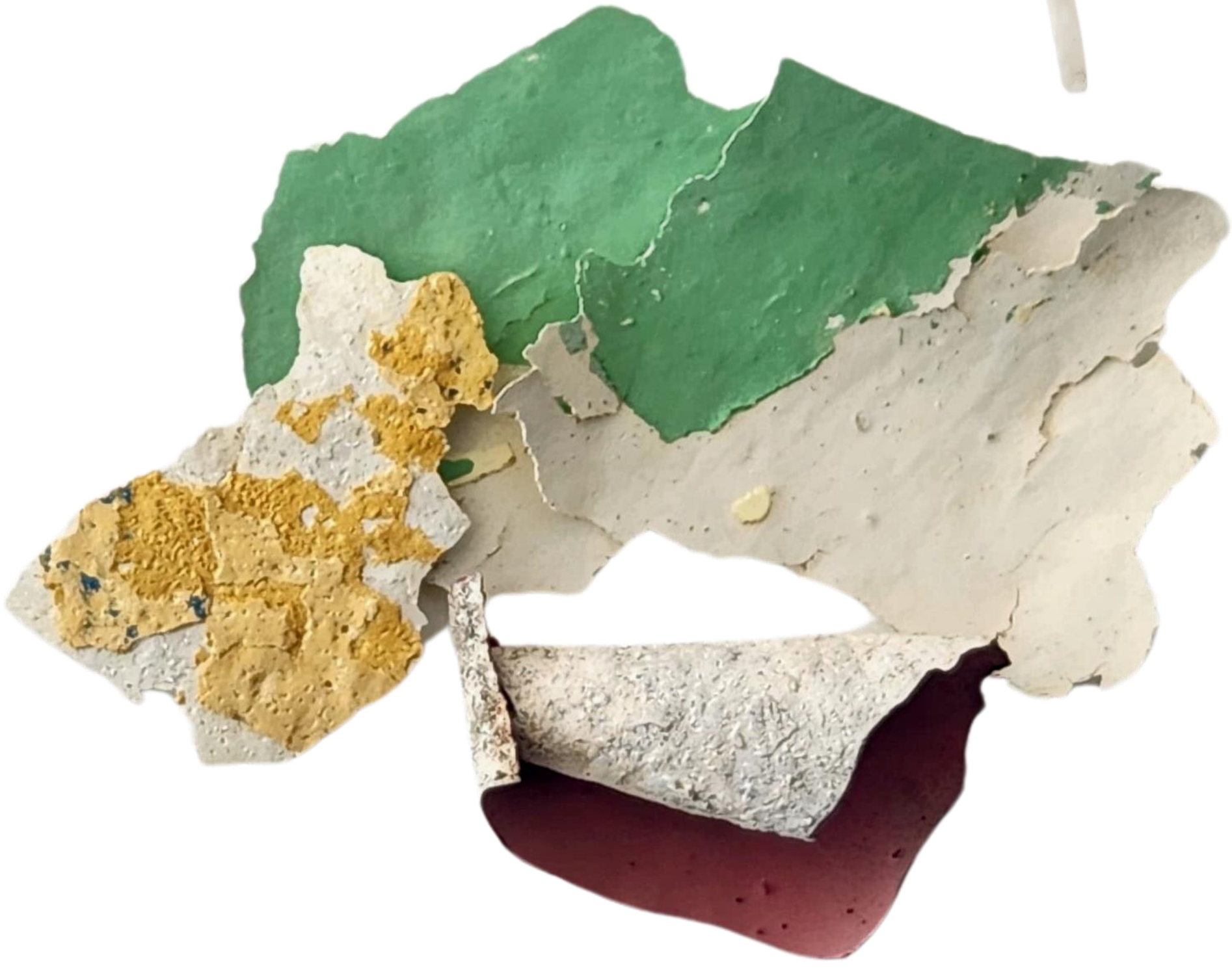
Prédios em ruínas como memórias de um
passado.

Terrenos baldios como promessas de um futuro.

E eu a colecionar "depois".







Depois que a cor desistiu de ser superfície.



Depois que o pássaro esbarrou nos arames farpados e esqueceu suas penas.



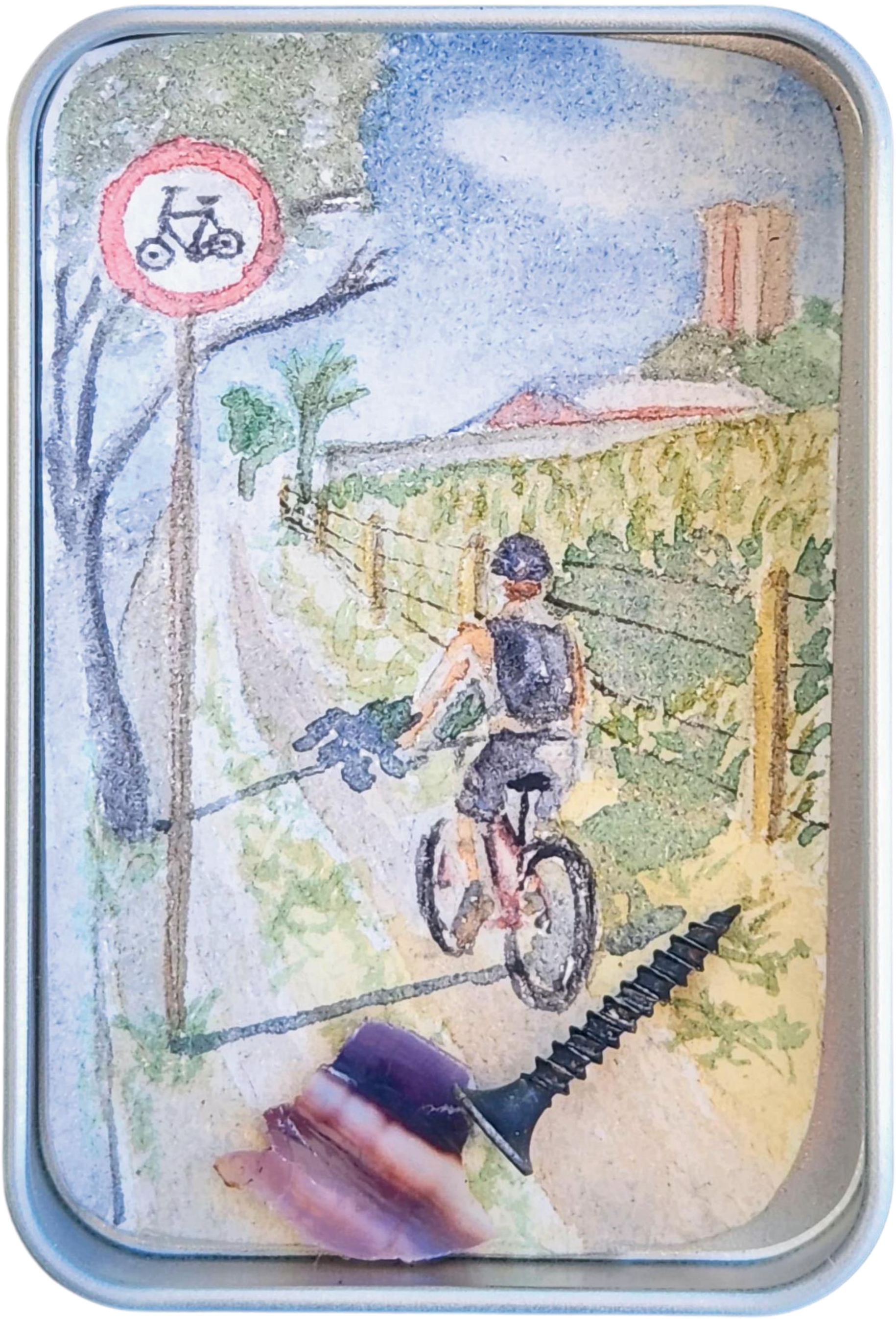
Depois que a árvore secou e a fruta caiu.



Depois que já não há um cadeado a proteger as ruínas de um teatro.



Depois da velocidade da máquina e depois até mesmo da lentidão de um caramujo que perdeu sua casa.



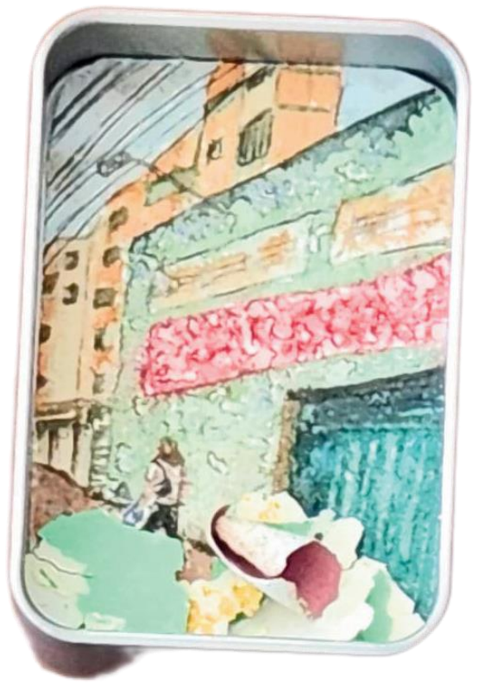
Não há nada perdido. O que coleto foi deixado deliberadamente para trás.

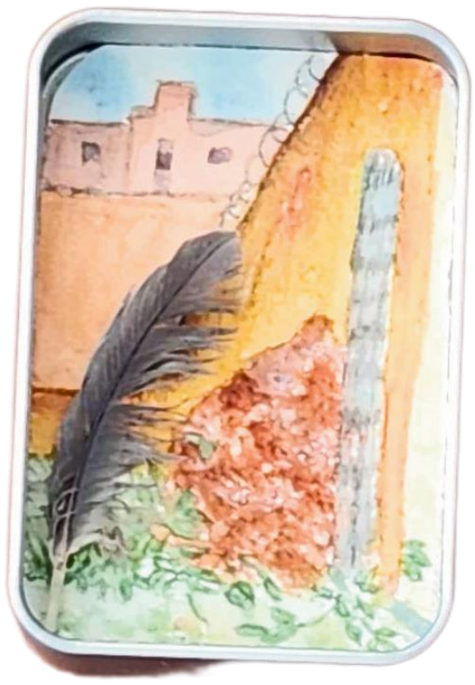
Inúteis "depois" de uma banalidade não suportada em tempos de espetacularização da vida.

Entre edifícios, postes, muros e o fluxo apressado da vida urbana, algo menos apressado, porque vive, pode ser ouvido por quem reduz sua velocidade.

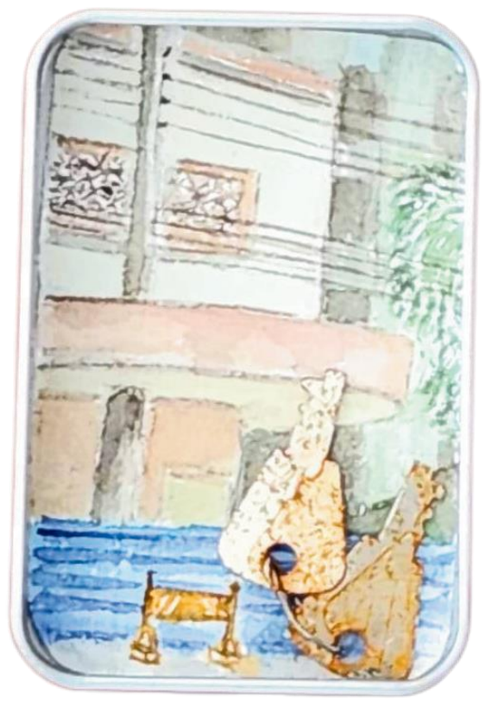


Depois, em razão
da ruína e
apesar dela,
novos fluxos vão
sendo traçados:
formigas,
ciclistas,
borboletas,
ervas-
daninhas…











De que parte
do mundo
vieram essas
plantas? De
onde foram
trazidos esses
animais?
- Não vimos,
não sabemos.

Aqui, no depois, habitam e forjam o agora.



Este ensaio visual foi produzido a partir de visitas a terrenos urbanos desabitados por pessoas, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais. A ausência de ocupação humana, impulsionada pela especulação imobiliária, produz brechas para a existência de inúmeras vidas clandestinas, que ignoram muros, cadeados e arames farpados para forjar existências singulares, em ruínas e com a ruína. Em cada uma dessas paradas fui coletando memórias de algo que por ali passou e deixou seus rastros.
Essas coletas se dão por meio do recolhimento de materiais encontrados nesses locais e também pela produção de pequenas pinturas em aquarela. Tudo isso, ao ser guardado em caixas de metal, vai se tornando uma coleção de banalidades, de histórias que ninguém conta, vividas em territórios que ninguém habita.

Ficha Técnica:

Coleção composta por 5 latas de metal com tampa de acrílico, medindo 9x6 cm cada.
Conteúdo das latas: Pinturas em aquarela sobre papel; Objetos diversos orgânicos e industrializados coletados na rua.

Tamiris Vaz.
2025.